



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS-EJA

Janice Gallert ¹

RESUMO

A pesquisa que está sendo desenvolvida tem como objeto de estudo compreender como acontece a formação dos professores que desenvolvem suas atividades docentes na Primeira Etapa da Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA no município de Foz do Iguaçu e seus reflexos e repercussão na formação de sujeitos que estão em processo de aprendizagem da leitura e escrita nas salas de aula de alfabetização. Nesse contexto a pesquisa se teoriza sobre as práticas de leitura e escrita desenvolvidas no contexto da EJA e as possibilidades de ensiná-la por meio de um processo desafiador durante a alfabetização para que o aluno possa vir a ser este usuário ativo da língua em suas diferentes esferas sociais. Ressalta-se que a pesquisa é bibliográfica de campo e possibilitará compreender as peculiaridades das práticas de leitura e escrita, bem como conhecer as suas concepções e conhecimento sobre o tema pesquisado.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Educação de Jovens e Adultos, Leitura, Escrita.

INTRODUÇÃO

O estudo é fruto do intenso processo de reflexão provocado pela pesquisa realizada na rede municipal de ensino em cinco salas de aula da 1ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos - EJA - no município de Foz do Iguaçu.

Para fazer a coleta de dados, durante o segundo semestre de 2019 acompanhei o desenvolvimento de práticas de leitura e escritas com o objetivo de perceber em quais condições de Letramento essas práticas são desenvolvidas na sala de aula pesquisada.

Desde o primeiro momento, minha perspectiva estava voltada para observar o desenrolar das práticas de leitura e escrita como processo vivo, com práticas inseridas na história, constituídas da subjetividade, feitas na cultura e produtoras de cultura.

Durante as visitas nas salas de aula acompanhava-me inquietações e ilusões que se somavam e por vezes se confrontavam com as expectativas dos alunos que se conformavam com práticas de leitura e escrita mecanizadas e sem apresentar condições de letramento.



Kleiman (1995, p.19) considera que “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. No entanto, mais do que propiciar a conhecer as letras, regras ortográficas, sintáticas ou gramaticais, o ensino da língua escrita pode contribuir para a apropriação das práticas sociais de uso da linguagem.

Nesse processo de observação e análise que comecei a me perguntar se alguém poderia ensinar esses alunos sem que eles próprios fossem ou se tornassem produtores de escrita?

As indagações centrais da pesquisa começaram a me acompanhar durante as aulas em que assistia: Como é possível a um professor ou a uma professora que não gosta de ler e escrever, que não sente prazer em desvendar os múltiplos sentidos possíveis de um texto, como é possível a esse professor trabalhar para que seus alunos entrem na corrente da linguagem e se apropriam da mesma para entrar na escrita inversamente se o professor ou a professora gosta de escrever o que na sua história de vida favoreceu esse gostar, essa prática.

Nesse viés a sala de aula se torna na pesquisa um espaço vivo para as práticas de leitura escrita que demanda tempo para observação, discussão e análise das atividades que envolveram as práticas de leitura e escrita que nelas se entrecruzam com outras práticas no tempo e no espaço da investigação para participar dentro da escola, fora dela, efetivamente na construção das histórias individuais e coletivas de seus atores sociais.

METODOLOGIA

Metodologicamente, este trabalho possui uma abordagem qualitativa, em virtude da sua preocupação com aspectos relacionados ao fenômeno estudado, sem a necessidade de realizar generalizações. Sob esse prisma, esta pesquisa se organizou em dois momentos: fundamentação teórica e visita técnica. Como principais estudiosos, podem ser citados KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61; e RIBEIRO, V. M. (org.) **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2003.



Estes autores são trazidos para o texto com o intuito de fortalecer os argumentos aqui defendidos.

Com base neste contexto, este artigo tem o objetivo de apresentar uma leitura de uma (1) sala de alfabetização da EJA e de refletir sobre a experiência docente de sua aplicação. Para tanto, ele está dividido em três partes: a) na primeira delas, aborda-se o contexto teórico, bem como a explanação dos métodos utilizados; em sequência, é feito um relato da experiência docente e, por fim, a análise dos resultados obtidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens, Adultos no município de Foz do Iguaçu continua sendo objeto de estudo privilegiado durante o desenvolvimento do processo de alfabetização no que diz respeito às práticas de leitura e escrita, Soares (2016, p. 25) evidencia “o que se revela na referência frequente, até os anos 1980, a ‘métodos de leitura’ e a ‘livros de leitura’ independentemente do pressuposto pedagógico adotado: métodos sintéticos ou analíticos, predominantes nesse período, privilegiavam a leitura (...)”.

Nesse viés tem-se preocupação com o ensino da leitura e da escrita - iniciada no processo de alfabetização durante a Primeira Etapa da EJA, remetia aos princípios da aquisição do código escrito e, durante muito tempo, pois, quando se falava em alfabetização, os estudos se referiam à ideia de aprender a ler e escrever por meio dos métodos clássicos de alfabetização. Sobre isto Ferreiro (2011) nos diz que

“[...] Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de ‘dizer por escrito’ esteja mais democraticamente distribuída. Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta” (FERREIRO, 2011, p.54).

Tradicionalmente a leitura e escrita eram concebidas então como ato de decodificação, como reprodução das ideias do autor do texto. O aluno era considerado um ser passivo, cujo papel seria extrair informações explícitas por meio de uma leitura linear, nas palavras de Ritter (2010, p.66), “contribuindo para formar pseudo-leitores, carentes de reflexão crítica”.

De acordo com Albuquerque; Morais e Ferreira (2008, p. 254),



a década de 1990 marca a prática da leitura e da escrita como prática de letramento, isso implica incluir no tratamento didático as relações da língua com aqueles que a utilizam com o contexto na qual é utilizada, com as condições sociais e históricas de sua produção e recepção.

Em uma concepção sociointeracionista, as práticas de leitura e a escrita na EJA são vistas como práticas discursivas, como produtoras de sentidos. O aluno leitor e escritor durante o processo de alfabetização é um sujeito ativo, construtor de sentidos a partir de suas experiências e nas relações contextuais.

Diante disso, decorre a necessidade de envolver os alunos na atmosfera de diversas e variadas práticas de leituras e escrita, nos diferentes eventos de letramento, sendo capazes de compreender e interagir com o texto nas práticas sociais.

Nesse viés, uma prática pedagógica de alfabetização eficaz na EJA consiste em possibilitar condições para que o educando se aproprie das práticas de leitura e escrita que são desenvolvidas durante o processo da alfabetização e do letramento em um contexto que envolva a produção de gêneros discursivos. Ademais,

[...] quando se considera que o adulto é produtor de saber e de cultura e que, mesmo não sabendo ler e escrever, está inserido – principalmente quando mora nos núcleos urbanos – em práticas efetivas de letramento, e o processo de alfabetização se torna muito mais significativo. (GALVÃO E SOARES, 2006, p.51).

É importante mencionar que nem todos os alunos tiveram uma história de leitura em um contexto familiar com leitores, este cenário está distante da realidade da maioria deles. Muitas vezes, a escola, as apostilas e o livro didático são as únicas fontes para a experiência com a leitura e a escrita.

Kramer (2000, p. 18) esclarece que

A leitura competente, seja ela para fruição, seja para informação, seja com objetivos técnicos, é um processo que, embora possa ser orientado pela família e deva ser orientado pela escola, absolutamente não se desenvolve sem que se estabeleça o contato direto entre leitor e texto.

Nesta perspectiva, a escola tem papel importante na vida dos alunos da EJA, pois é por meio dela que a leitura e a escrita são trabalhadas, e ambas são atividades necessárias para o processo de emancipação do homem, na descoberta de novos sentidos, na construção do leitor e escritor experiente, desconfiado, crítico, pois elas (a



leitura e escrita) fornecem subsídios para que participe da realidade de forma consciente e, assim, exerça sua cidadania por meio da participação.

Segundo Silva (1987, p 45), “ler é, em última instância, não só uma tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”.

Assim, o leitor ativo na EJA não apenas realiza o ato de ler por obrigatoriedade, mas faz deste processo dialógico a compreensão da sua própria existência, no entendimento dos enunciados que permeiam a sua história enquanto produtor de sentidos.

Geraldi (1996, p. 70) destaca que “aprender a ler é criar as possibilidades de interlocuções com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações, isto é ler”.

É neste processo dialógico de compreensão que o leitor vai gradativamente ampliando os seus horizontes, vai inserindo-se na experiência singular das relações contextuais, sociais de que participa.

De acordo com Martins (1998, p. 30), “ler deve ser considerado um processo de apreensão de símbolos expressos através de qualquer linguagem, portanto, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracteriza-se também como acontecimento histórico e estabelecimento de uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido”.

Neste sentido, a leitura e a escrita, no contexto de interação social, é entendida como um processo de produção, ocorrendo a partir da relação dialógica que se processa entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor. Tal processo depende tanto da habilidade do autor ao registrar suas ideias quanto da habilidade do leitor em captar tudo aquilo que o autor colocou e insinuou no texto. A produção e significados – relação dinâmica entre autor/leitor- acontece de forma compartilhada, configurando-se como uma prática ativa, crítica e transformadora.

Cagliari (1997, p.149), afirma que “a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido”. É, certamente, por meio das práticas de leitura que o conhecimento se desvela, que se desenvolve a criatividade, o encantamento, o sonhar, o fantasiar e o imaginar.



É nesse universo de encantamento da leitura que os alunos são capazes de inserir-se nas palavras do outro, encontrar o alento para as suas dúvidas, suas inquietações, ampliar seus conhecimentos, descortinando os sentidos e transformando x sua realidade.

Antônio Cândido, quando aborda a importância da literatura, enfatiza que ela constitui-se fator indispensável de humanização, pois possibilita “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CÂNDIDO, 1989, p. 117).

No entanto para Kleiman (1995, p.19) considera que “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. No entanto, mais do que propiciar a conhecer as letras, regras ortográficas, sintáticas ou gramaticais, o ensino da língua escrita pode contribuir para a apropriação das práticas sociais de uso da linguagem.

Assim, observa-se que os alunos, inseridos no universo da leitura e da escrita, são capazes de perceber o mundo que os cerca com seus problemas, conflitos, dúvidas ou, até mesmo, a evasão para outros espaços; essa busca pelas palavras do outro pode reportar a horizontes diferentes, tanto ao nível da busca pelas respostas quanto pelo deslumbramento das histórias vividas.

A leitura e a escrita pressupõem que o leitor e o escritor façam uso de certos conhecimentos relacionados ao texto, por isso, elas são práticas interativas, na medida em que exige a participação do leitor e do escritor, com sua vivência e suas experiências – na construção, interpretação e reconstrução de sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste ponto do estudo discutem-se aspectos relacionados aos resultados que puderam ser observados com a realização das “Visitas Técnicas”.

Em relação ao engajamento dos estudantes, a avaliação deste quesito pode ser considerada positiva, uma vez que boa parte dos estudantes da sala pesquisada passou a desenvolver as atividades propostas pela professora. Embora, tenha existido uma



resistência no uso de material concreto de alguns estudantes, com o desenrolar dos exercícios os estudantes aceitaram e participaram das atividades práticas de leitura e escrita.

Cabe ressaltar que em alguns momentos das aulas uma das professoras tentava explorar os gêneros discursivos trabalhados em sala dentro de uma perspectiva de Letramento, porém os mesmos não eram aceitos pelos alunos pôr estarem acostumados com atividades impressas mecanizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe considerar que no desenrolar da pesquisa percebeu-se ainda que das 05 (cinco) salas de aula pesquisadas em 4 (quatro) delas desenvolvem seu trabalho pedagógico por meio de Práticas de leitura e escrita o processo de Alfabetização e Letramento em diversas atividades que foram desenvolvidas. Já em 1 (uma) sala de aula as práticas de escrita desenvolvidas são mecanizadas e não oportunizam ao alunos desenvolverem a consciência textual e o professor demonstrou uma certa insegurança.

Ainda com base na análise e nas reflexões feitas por alunos e alunas aos seus professores provocaram em mim a necessidade de construir outra proposta pedagógica para o trabalho que desenvolvo como professora da EJA na alfabetização.

Porém igualmente necessário, destaco a elaboração e concretização de políticas de acesso à leitura e escrita (livros, jornais revistas), de forma que o professor se veja e seja produtor e consumidor do conhecimento escrito e não passe a maior parte do seu tempo manipulando livros didáticos e apostilas prontas e infantilizadas.

Deste modo, se considera contexto sociohistorico da EJA, o relato da experiência docente e a análise dos resultados obtidos, avalia-se como positiva a pesquisa e apregoa que associação entre Alfabetização e Letramento traz bons resultados quando combinadas.

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a



necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B. C. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, C.F; MENDONÇA, M.(Org.) **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BAGNO, M; STUBBS, M; GAGNÉ, G. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Caderno 5/ Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional**. - Brasília: MEC, SEB, 2015.

BRITTO, L. P. L. **Ao revés do avesso- Leitura e formação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

CANDIDO, A. **Direitos Humanos e literatura**. In: Fester, A.C.R (Org.) São Paulo: Brasiliense, 1989.

COLASANTI, Marina. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global, 2004.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 2011. _____. **Significados da Escrita no mundo atual**. Brasília, DF, 2001. Revista criança do Professor de Educação Infantil, n. 35, p. 3-9, dez. 2001, entrevista concedida a Ana Sanchez.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre. RS: Artes Médicas, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da Alfabetização de Adultos no Brasil. In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização de Jovens e Adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. Prefácio. In: GONTIJO, C. M. M. **Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.



KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas: Pontes, 1996.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KRAMER, S. Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais. **Presença Pedagógica.** v. 6 n 31, jan./fev. 2000.

MARTINS, M.H. **O que é leitura.** 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MENEGASSI, R. J. **Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor.** UNIMAR – Maringá, v. 17(I): 1995.

PARANÁ, SEED/DEB. **Leitura, livros e leitores: considerações sobre a leitura em geral e no universo escolar.** (Texto para discussão). ARIAS, V. et. al. Curitiba, mar. 2012.

PORTO, M.F; FERREIRA, M.B. **Leitura: um processo compartilhado de produção de sentido.** Ponta Grossa: UEPG/CEFORTEC, 2005.

RIBEIRO, V. M. (org.) **Letramento no Brasil.** São Paulo: Global, 2003.

RITTER, L. C. B. **A produção de sentidos na aula de leitura.** In: MENEGASSI, R. J. (org). **Leitura e ensino.** 2 ed. Maringá: EDUEM, 2010.

SILVA, E. T. da. **O ato de ler: aspectos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** São Paulo: Cortez, 1987.

SOARES, M. **A reinvenção da alfabetização.** Revista Presença Pedagógica. Disponível em <http://www.presencapedagogica.com.br/capa6/artigos/52.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

_____. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo, Contexto, 2016.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, MG: CEALE, 1998.

SELLTIZ, C. et al. **Método de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: Herder, 1987.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6 ed. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.